

A PESQUISA E O ENSINO NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA, SUBPROJETO GEOGRAFIA/UEPB: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA CAIC JOSÉ JOFILLY

Felipe Araújo Ribeiro ¹
Josandra Araújo Barreto De Melo ²

RESUMO

O relato de experiência para apresentar o desenvolvimento semanal dos métodos de pesquisa analisados e implementados conforme os resultados obtidos em sala de aula. A abordagem interdisciplinar e a utilização de recursos tecnológicos são fundamentais, durante esse processo, foram feitas adaptações para promover um melhor aprendizado da turma, levando em consideração o conhecimento geográfico e suas competências e habilidades, especialmente em um contexto de alunos do ensino regular noturno, que são multitarefas, envolvendo-se em estudos e trabalho, buscando melhorias em suas carreiras. O ensino de geografia deve preparar os alunos para enfrentar os desafios da sociedade em que vivem, desenvolvendo seu senso crítico e promovendo o desenvolvimento sustentável de maneira eficaz. Portanto, é essencial moldar suas mentes para lidar com as adversidades encontradas fora do ambiente escolar.

Os jovens adultos são atraídos pelos aspectos humanos e físicos da geografia e sua conexão com questões relevantes à sua realidade. Nesse sentido, o papel do professor é contextualizar os temas em questão, desde os aspectos mais locais até os globais, relacionando-os com as experiências vivenciadas pelos alunos. A geografia se utiliza do relato de experiência como uma ferramenta valiosa para promover essa conexão entre os conteúdos estudados e a vida cotidiana dos estudantes.

Palavras-chave: Jovem Adulto; Amadurecimento; Sequência Didática.

INTRODUÇÃO

A localização da unidade de ensino está inserida no bairro das Malvinas, Campina Grande-PB, salientando que a Escola CAIC Jose Jofilly no período do programa não se encontrava no seu espaço próprio devido a reconstrução de seu prédio, para tanto, a mesma estava em funcionamento na escola ECI Álvaro Gaudêncio no mesmo bairro da primeira mencionada. A mudança foi motivada pela precarização do espaço físico do CAIC, estando o mesmo interditado, e assim incapacitado por risco de desmoronamento.

Figura 1:



¹ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual Da Paraíba - UEPB, felipe.araujo.ribeiro@aluno.uepb.edu.br;

² Professor orientador: Professora Doutora, Lotada No Departamento De Geografia Faculdade - UEPB, ajosandra@yahoo.com.br.



Vale acentuar que a carga horária da disciplina de Geografia da 3ª série noturna em 2023 era composta por três aulas semanais de trinta minutos cada. Ficou acordado entre o preceptor supervisor e a minha pessoa como residente à atribuição de duas aulas semanais ministradas nas segundas e terças-feiras. O Desenrolar dos fatos inicia-se pela observação do meio o qual fui inserido, a sala de aula do 3º C Noturno da escola CAIC JOSE JOFILLY. Sendo uma turma com realidades distintas e semelhantes, pude analisar no decorrer da minha experiência na sala e, com os ensinamentos teóricos alcançados que não conseguiria abordar métodos de ensino padrão para alunos da terceira série do ensino médio noturno.

Resolvi utilizar da metodologia freireana através da linguagem e do diálogo, comecei a conquistar cada aluno dentro de sala, possibilitando minha autonomia como educador, e o do aluno, entramos em simbiose, a aula começou a fluir de uma forma mais amigável e construtiva, alunos que estavam desinteressados pelo conteúdo, começaram a se envolver na dinâmica das aulas. Partindo do pressuposto que tudo é uma construção, podemos analisar o aluno como uma rocha prestes a ser lapidada, sendo o jovem já constituído de saberes e questionamentos, o professor sendo o responsável pela lapidação desses jovens, deve buscar entender o aluno, e trazer consigo para suas discussões.

Portanto, o principal objetivo que permanece é a assiduidade em sala de aula, a frequência do aluno na escola é o papel mais complexo de ser alcançado, pois a realidade da maioria destes jovens é de trabalhar durante o dia e buscar “energias” para ir pra escola no turno da noite, por terem sido precocemente anexados à vida adulta. O chamado “jovem adulto” é aquele indivíduo a quem foi atribuído responsabilidades acima do que sua idade está preparada, o amadurecimento precoce tem seus aspectos negativos, devido a carga exorbitante de atribuições destinadas para ele. Vejamos que estes jovens adultos vivem em uma “gangorra

moral” na qual, suas ações, algumas vezes, são atreladas a pessoas com uma idade superior, e outras vezes com uma idade inferior à que possui, logo estes jovens são forçados a “crescer” antes do tempo.

O trabalho do professor é bem mais complexo quando não possui um material adequado para aquele grupo em específico, no caso o EJA. É indubitável a importância do material didático, o professor é preparado para diversas situações, contudo o material didático serve como uma bússola. Dessa forma a utilização deste recurso é imprescindível para o crescimento de cada estudante, podemos usar de comparação um barco à deriva sem bússola e sem nenhuma carta náutica, possivelmente a embarcação irá se perder, a mesma coisa acontece com os discentes, sem o material didático e o preceptor para instruir o aluno, o mesmo ficará à deriva.

Por concepção supletiva de currículo entendo as práticas curriculares que tomam o currículo pré-estabelecido para crianças e adolescentes como a única referência para o trabalho na EJA. Em geral, há uma redução e condensação de assuntos e temas comumente abordados na escola dita regular e não se reflete sobre a necessidade de se constituir uma proposta curricular específica para jovens e adultos trabalhadores. (SERRA, p.32, 2017)

De acordo com Serra, o currículo pré-estabelecido para os alunos do EJA, não agrega satisfatoriamente os percalços enfrentados para este grupo, através da experiência escolar, pude observar várias lacunas no saber geradas na pandemia e no convívio social que ecoa até hoje. Além disso, os docentes são afligidos pelo ensino descontínuo e a carga horária reduzida do ensino noturno, problema este que já é anterior a pandemia.

METODOLOGIA

O estudante noturno regular almeja a conclusão do ensino médio para uma melhoria social, muitos já possuem vínculos empregatícios, o diploma surge como uma forma de melhoria em seus empregos, muitos destes jovens entendem que a inserção no mercado de trabalho necessita do conhecimento obtido em sala de aula, e por isso enfrentam a dupla jornada diária de conciliar trabalho com os estudos. Outrossim, este empecilho atrapalha a jornada escolar, gerando atrasos e faltas recorrentes, os quais são “perdoados” pelo fato de o aluno trabalhar durante o dia, assim o currículo é fragilizado pois o professor torna as práticas de ensino menos exigentes para que se “encaixe” na realidade daqueles indivíduos.

Ilustram esta afirmação os casos nos quais é facilitada a entrada dos alunos, aceitando-se seus atrasos, pois sua jornada de trabalho atravessa o horário da primeira aula do

período. Com isso, o aluno deixa de ter contato com os conteúdos desenvolvidos naquela aula. Parece ocorrer uma naturalização dessa realidade. (SOUSA, S. Z.; OLIVEIRA, R. P. n. 30, p. 53-72, 2008.)

Os argumentos apresentados por Sousa e Oliveira em 2008, realizam uma análise sobre os fatos atuais. Durante os meses que fui regente em sala de aula, essas práticas foram recorrentes, fazendo com que eu realizasse alterações no meu método de ensino para não fomentar um desenvolvimento desnivelado entre alunos, os atrasos recorrentes da maioria da turma atrapalhavam a ministração, assim como o prejuízo bimestral de todas as aulas alocadas na primeira aula. Partindo do pressuposto que a aula começa às 19h e tem duração de 30 minutos, e o primeiro aluno só chegava em sala de aula às 19h10, logo a possibilidade de iniciar uma aula é quase nula, perante as condições informadas.

Também, verificaram-se experiências em que a primeira aula do período se destina a atividades que possam ser realizadas fora da escola. Iniciativas desta natureza, embora tenham origem no relevante propósito de minorar ou evitar a evasão escolar, podem vir a resultar em menor compromisso com a qualidade do ensino ofertado aos trabalhadores-estudantes. (SOUSA, S. Z.; OLIVEIRA, R. P. n. 30, p. 53-72, 2008.)

É evidente que devido as experiências relacionadas a primeira aula do período noturno, decidi utilizar uma metodologia diferente de lecionar aula neste horário, pois o conteúdo precisava ser ministrado de alguma forma, contudo sem prejudicar o desenvolvimento da turma, logo a primeira alteração foi retirar a proposta de aula dialogada desta, passando a ser apenas uma aula expositiva na qual eu utilizava da lousa branca como recurso didático, realizando as anotações dos principais apontamentos que seria tratado na próxima aula, sendo uma forma de fixação do conteúdo em seus cadernos, pois a maioria dos alunos chegavam ao término da aula.

Utilizando dos recursos disponibilizados em sala de aula desde lousa branca, Smart TV e mapa mundi, busquei proporcionar para o aluno uma aula de geografia com um viés mais social e crítico perante a globalização, utilizando analogias com as demais regiões do globo.

“Seria uma ingenuidade primária esperar de tais elites que pusessem em prática, ou que consentissem ser posta em prática, em caráter geral e sistemático, uma educação que, desafiando o povo, lhe permitisse perceber a “raison d’être” da realidade social.” Freire (1981, p.113). Parafraseando a afirmativa de Paulo Freire, os alunos necessitam “vislumbrar” da associação e comparação referente as diversas condições sociais, o papel da geografia é desempenhar essa função, exemplificando e utilizando de recursos imagéticos para esclarecer as injustiças sociais e assim entender a historiografia das classes dominantes perante as classes

fragilizadas. A função do regente é possibilitar ao seu aluno uma análise aprofundada das relações sociais que concerne a sua realidade, a utilização de recursos como Google Earth, charges audiovisuais, imagens e tirinhas, auxilia no desenvolvimento crítico dos alunos.

O texto da LDB enfatiza nas disposições gerais, “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” (art.22). Sendo assim, indispensável a educação na construção social do aluno, para que ele se desenvolva e assim possibilite o exercício pleno da cidadania, todos os indivíduos têm o seu direito resguardado perante a constituição.

Adiante a mesma lei no artigo 35 confere as seguintes finalidades para o Ensino Médio:

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

II - A preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III - O aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

O que está sendo informado nos incisos acima e aquilo que concerne ser discutido referente ao ensino regular noturno, precisamente no inciso II “A preparação básica para o trabalho...” podemos salientar que uma boa parte dos alunos do turno noturno já está inserido nessa realidade, fazendo com que o professor analise o aluno que se encontra no mercado de trabalho e compreenda os pontos de melhoria que podem ser discutidos em sala de aula, para que o mesmo se adapte da melhor forma possível, o papel do “agente” educador é muito maior do que apenas professor de conteúdos científicos, parafraseando os Incisos II e III a ciência geográfica utiliza das pesquisas científicas e da relação do homem com o meio que ele vive, para ensinar e conscientizar a população promovendo os valores morais e éticos de um desenvolvimento sustentável e uma formação continuada sobre os direitos e deveres do cidadão perante a sociedade.

Posteriormente a abordagem será referente a importância da aula expositiva dialogada no ensino regular noturno, após as primeiras experiências em sala de aula, percebi a participação da turma, ficando evidente a necessidade da minha busca por um desenvolvimento teórico e metodológico para propor aos alunos uma aula mais fluída e participativa, perante recursos analisados encontrei em Pontuschka a chave de muitas respostas, os seus trabalhos científicos referente a abordagem de ensino na geografia foi crucial para o meu desenvolvimento intelectual e social. Deste modo, para Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p.30): “Ouvir o aluno permite conhecer as representações sociais construídas sobre o mundo, mas precisamos ensiná-lo a questionar e buscar soluções, ajudando-o a elevar-se a outros patamares de abstração a fim de superar o senso comum.”



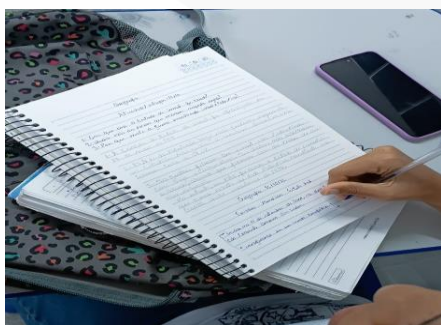
Vejamos que o trabalho do professor é apenas um mediador do saber, nada mais do que um desenvolvedor de “mentes”, a geografia entra em cena como um sujeito que deve ser analisado e questionado perante as ações do homem, perguntas como: o que leva o desenvolvimento; o que ocasiona a segregação, xenofobia, desigualdades; a geografia fomenta o senso crítico da sociedade, utiliza das análises espaciais para retirar a alienação da população.

DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS METODOLÓGICAS NO ENSINO REGULAR NOTURNO

Diante os primeiros encontros, observei as problemáticas iniciais daquele ambiente. Delimitando o que deveria considerar-se no planejamento da aula, agora sendo um sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem notei novas abordagens que poderiam ser incorporadas em sala, sob a luz de Paulo Freire possibilitou-me adequar à sequência didática, fazendo com que a vivência dos discentes ficasse mais fluída. No decorrer dos encontros e dos assuntos ministrados, comecei a entender as suas dúvidas, referentes ao ensino de geografia, baseado no dialogo encontrei formas de “alcançar” aqueles jovens.

Utilizando dos recursos metodológicos, solicitei resumos dos encontros, para “sintonizar” os alunos ao tema em questão, dessa forma tentar dar continuidade à sequência didática ministrada nos dias antecedentes, nas primeiras experiências me foi solicitado a recapitulação da aula anterior. Esta ação se tornou recorrente nas aulas, deste modo incorporei essa metodologia na minha rotina, no começo do segundo semestre comecei a colher os primeiros resultados, os estudantes estavam mais participativos.

Imagem 01:



Atividades individuais realizadas logo após o término da explicação dos conteúdos que foi trabalhado, para compreender quais pontos precisavam ser revisados para uma melhor compreensão do assunto.

Imagem 02: Aulas Expositivas Dialogadas para fomentar o senso crítico do aluno, e desenvolver a perspectiva de análise referente as imagens interpretadas em sala de aula.



Imagem 03: Utilização de atividades lúdicas de gamificação como forma de ensinar e motivar o aluno a participar das aulas, desenvolvendo a memorização e a aprendizagem de um novo conteúdo. (Jogo da Memória: Cactos do Semiárido.)



Imagem 04/05:



Atividade proposta para a turma: execução de uma peça teatral, cujo os alunos interpretaram os conflitos internacionais e a resolução de conflitos, roteiro da peça foi criado para que os alunos tivessem o sentimento de pertencimento com as regiões, dessa forma o local apresentado da região do conflito, foram os bairros da cidade de Campina Grande-PB, devido à curiosidade da turma mediante os motivos que iniciavam os conflitos mundiais, construí a peça para que os mesmos pudessem entender a dinâmica da conjuntura global e de forma acontecem as relações diplomáticas e a criação de zonas de conflito.



Ademais, utilizei recursos audiovisuais como charges, sátiras, músicas e animações, visto que o uso da imagética auxilia no aprendizado e chama a atenção para o assunto abordado. Ao pensarmos o processo avaliativo, tomamos como base Libâneo:

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias. (LIBÂNEO, 1990, p.195).

Partindo desse pressuposto resolvi modificar a metodologia, entrando em consenso com a turma solicitei que a cada conteúdo ministrado ao final de sua execução, requisitaria resumos semanais, como uma forma de avaliação contínua, o fazer a avaliação tradicional apenas no final do bimestre não restaria tempo para análise das performances individuais dos alunos. Portanto é válido destacar o progresso obtido com essa metodologia.

Os principais pontos desenvolvidos foi a cooperação no desenvolvimento dos resumos, visto que alguns estudantes apresentaram dificuldades na elaboração das sínteses, gerando empatia entre os colegas de turma para ajuda mútua. Concomitantemente realizei metodologia avaliativa a partir de provas escritas e questões objetivas, para analisar o desempenho bimestral da turma, e entender algumas lacunas que podem ter sido deixadas pelo caminho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aluno do curso regular noturno necessita de um acompanhamento diário, devido as contínuas responsabilidades impostas sobre ele. O papel do professor vai muito além de mostrar os conhecimentos abordados em sala de aula referente aquela matriz curricular, o preceptor é um ouvinte, muitas vezes é transformado em um outro papel social, o do psicólogo que aconselha os seus alunos de uma forma mais descontraída e próxima de sua linguagem. Pelo fato do docente não está inserido no ambiente familiar, muitas vezes o aluno se sente mais seguro para se comunicar com aquele profissional.

O desenvolvimento dos alunos matriculados no turno da noite, é uma variável, em uma mesma turma podemos observar uma inconstância do currículo, devido as faltas recorrentes de determinados alunos por causa dos vínculos empregatícios e/ou problemas pessoais recorrentes que ocasionam no afastamento das obrigações escolares. Algo que termina ocasionando em “idas e vindas” do conteúdo programado, para que alguns alunos não fiquem descompassados

com o assunto ministrado, assim as sequências didáticas são planejadas de forma encurtada, criando lacunas no saber.

O professor tem que utilizar dos variados recursos disponíveis, para criar metodologias de ensino que chame a atenção do aluno e que ele possa entender boa parte do conteúdo de uma forma mais simples e direta, cuja a utilização de recursos que facilitam o entendimento. Portanto, podemos concluir como afirma Alves (2007) “Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.”

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

BRASIL. Decreto n. 2.208, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o § art. 22 e os arts. 35 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 84. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2022. 256 p.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GOMES, V; BATISTA, F; MELO, W. **Jogo da Memória, Cactos Do Semiárido**, INSA. Ministério Da Ciência, Tecnologia E Inovação.

LIBÂNEO, José Carlos. A avaliação escolar. In: LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib e PAGANELLI, Tomoko Iyda e CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo, SP: Cortez, 2009.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos Da Geografia** / Milton Santos; em colaboração com Denis Elias. – 6. Ed. 3. reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

SERRA, Enio (org.). **Educação de Jovens e Adultos: em debate**. Jundiaí, SP: Paco, 2017. 304 p.

SOUSA, S. Z.; OLIVEIRA, R. P. **Ensino Médio noturno ...** Educar, Curitiba, n. 30, p. 53-72, 2008. Editora UFPR